

MULHERES NEGRAS E IMAGENS DE CONTROLE: UMA ANÁLISE DA OBRA OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Raquel de Souza Xavier

Discente - Instituto Parentes

psi.raquelxavier@gmail.com

Denise Geovana Bezerra de Amorim

Mestranda - Centro Universitário Christus - Unichristus

degeovanaamorim@gmail.com

Lorena Brito da Silva

Docente - Centro Universitário Christus - Unichristus

lorenabrito.psi@gmail.com

Lucas Melgaço da Silva

Docente - Centro Universitário Christus - Unichristus

lucas2melgaco@gmail.com

Área Temática: Psicologia social e comunitária

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Encontro Científico: XV Encontro de Pós-graduação

RESUMO

Introdução: A produção narrativa forjada nas dores e feridas traz à tona a esfera mais cruel, e por vezes sutil, da colonialidade de que como pessoas negras não somos sujeitos de amor e afeto. **Objetivo:** analisar as corporeidades de afeto e amor de mulheres negras na literatura de Conceição Evaristo que contrapõem a narrativa da solidão. **Metodologia:** A presente pesquisa se configura como documental na medida em que foi tomado como objeto de análise uma obra literária. Após ser escolhida a autora, buscou-se qual obra poderia nos fornecer meios para chegar ao nosso objetivo, sendo escolhido Olhos d'água (2016). Deste livro foi escolhido cinco contos, e analisadas quatro categorias (corpo; resumo; citações; pontuações). **Resultados:** Corporalidades ganham barreiras existenciais que limitam e violentam. Cada traço físico diz como e onde é possível existir. Se é um corpo fetiche ou amado, corpo vivo ou morto, corpo de ocupação ou de exílio. Linhas de enfrentamento não são apenas gritos, reivindicações, políticas públicas, cotas, mas também amor, cuidado, prazer, lazer, fortalecimento comunitário, ascensão social, entre outros como o delírio. **Considerações finais:** Furos são inscritos na trama colonial, mostrando a impossibilidade de captura total. **Palavras-chave:** imagens de controle; mulher negra; Conceição Evaristo.

INTRODUÇÃO

“Eu não vou estudar derrota, por que eu vou estudar? Por que eu vou falar de chicotada no corte de cana? Por que eu vou falar de Pelourinho? Por que eu vou falar? Não! Eu vou falar da capoeira. Eu vou falar do Candomblé. Eu vou falar da

Umbanda, sabe? Eu vou falar do Jucá. Eu vou falar do Congado. Eu vou falar do Jongo. Eu vou falar de nós ganhando, porque pra falar de nós perdendo, eles já falam.”

Nego Bispo

Começo citando Nego Bispo para anunciar o que se segue, trazer outras narrativas que não aquelas contadas por eles sobre nós. Pesquisas, teses, artigos, livros, dizendo das dores, violências, perdas, mortes, mas pouco se fala das resistências, lutas, alegrias, amores. A produção desta narrativa forjada nas dores e feridas traz à tona a esfera mais cruel, e por vezes sutil, da colonialidade de que como pessoas negras não somos sujeitos de amor e afeto.

Matheus da Rocha Viana (2019) ao propor uma descolonização dos afetos traz toda uma série de estereótipos acerca da população negra que produzem um campo de desumanização quando constroem narrativas de corpos como objetos a serem consumidos, seja através da hipersexualização, no lugar do perigo, do criminoso, produzindo uma narrativa de incapacidade de sentir dores (exemplo dos partos sem anestesia) ou de uma não afetividade.

Quando o autor propõe que estas produções são efeitos da colonialidade ao passo que aponta para as imagens forjadas da branquitude sobre nós, nos leva ao questionamento onde habitam outras narrativas que não aquelas frutos da colonialidade. Viana (2019) questiona “como é possível construir autoestima e segurança para se relacionar afetivamente quando toda uma população não negra é vista como melhor que você?” (p. 75), e em seguida aponta: o negro ou a negra são vistas como isso, um corpo negro a ser usado e não respeitado ou afeiçoado (p. 75).

É necessário dizer das imagens forjadas. Valeska Zanello (2018) na escrita de Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: cultura e processos de subjetivação evidencia a dinâmica de diferenciação das imagens produzidas a respeito de corpos brancos e não brancos (principalmente negros) na interface de gênero e classe. Para a mulher branca, a casa e o casamento, para a mulher negra, o sexo e o trabalho. O corpo negro vira objeto de consumo quando a humanidade não está posta.

Mas podemos, e devemos, fazer menção a Lélia Gonzalez (2020) que traz em seu texto Racismo e sexismo na cultura brasileira como é tratado o corpo de uma mulher negra que só é visto como objeto de desejo quando hipersexualizado na cena de reatualização do carnaval através de rainhas e passistas, e que esta mesma mulher ocupa a função de serviência nas casas como doméstica e mãe preta. Aqui, se evidenciam as diferentes posições que o

corpo de uma mulher negra pode ocupar em uma trama colonial, e elas mudarão a depender do tom da cor de pele.

Se Zanello (2018) aponta para a diferenciação entre mulheres (brancas e não brancas) e homens (brancos e não brancos), Gonzalez (2020) escancara as tramas de violência entre racismo e sexismo baseada na tonalidade da pele. Ambas dizem de forma diretiva: não há democracia racial, nem de gênero.

Conceição Evaristo (2020) em *Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face* diz o sentido da escrita:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é, para mim, o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (p. 219-220).

A proposição de falar e evidenciar outras corporeidades que não aquelas narradas pela colonialidade através da escrita de uma mulher negra que conta histórias de mulheres negras se torna relevante na medida em que rompe quem pode falar e de que forma. Tratando-se de um estudo importante tanto para produzir caminhos de afeto e amor como também a evidenciação de outras referências de imagens que não aquelas que foram forjadas e impostas pela branquitude.

Cansadas de falar das dores e violências, propomos como Nego Bispo falar de nós através de outras narrativas, dizer das potencialidades e da afetividade. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo: analisar as corporeidades de afeto e amor de mulheres negras na literatura de Conceição Evaristo que contrapõem a narrativa da solidão.

METODOLOGIA

Apresentação do livro e premiações

O livro escolhido como base para trazer a tona as narrativas de mulheres negras foi *Olhos d'água* (2016) escrito pela linguística e escritora afro-brasileira Maria da Conceição Evaristo de Brito, mas conhecida como Conceição Evaristo, uma mulher negra que fomenta através de seus romances, poemas e contos experiências negras. Em 2015, Conceição Evaristo recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas por *Olhos d'água*, no Auditório Ibirapuera, em São Paulo.

Olhos d'água teve sua primeira publicação em 2014 pela Editora Pallas, e é classificado como conto, por conter 15 histórias e cada uma delas parte de uma narrativa

específica em cenas dramáticas de um universo, sendo contado de forma curta. Tal escolha se deriva tanto pela importância da obra, como pela relevância da autora, além de cada conto partir de uma perspectiva de uma mulher negra e suas diferentes leituras de amor, afeto, cuidado, gênero, sexualidade, raça, violência, território, entre outras interfaces.

Conceição evaristo

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, a mineira Conceição Evaristo possui em sua trajetória os reconhecimentos: Prêmio Jabuti em 2015; foi tema da Ocupação do Itaú Cultural de São Paulo em 2017; homenageada na Bienal do Livro de Contagem em 2019; Prêmio Juca Pato em 2023; Ordem de Rio Branco - Comendador em 2023; condecorada com o título de Doutora Honoris Causa no Instituto Federal do Sul de Minas, Universidade Federal do Paraná e Universidade Federal do Oeste da Bahia; assumiu a cadeira de número 40 da Academia Mineira de Letras em 2024.

Tipo de pesquisa

A presente pesquisa se configura como documental na medida em que foi tomado como objeto de análise uma obra literária. Após ser escolhida a autora, buscou-se qual obra poderia nos fornecer meios para chegar ao nosso objetivo, sendo escolhido Olhos d'água (2016) por ser composto por uma variedade de contos, o que nos permitiu escolher algumas mulheres e suas histórias para serem analisadas.

Materialidade em análise

O livro foi lido na íntegra, e a cada conto foi trabalhado um elo entre corpo e sensação, a partir desta primeira leitura para a pesquisa foram escolhido cinco contos, sendo eles: Dudu-Querença (corpo prazer); Maria (corpo mutilado); Luamanda (corpo busca); O cooper de Cida (corpo urgência); Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos (corpo raiva).

As escolhas dos contos se deram por dois fatores: retratam realidades distintas e geraram comoção. E as palavras colocadas como elos entre corpo e sensação foram escolhidas a partir dos fatores mencionados anteriormente. Em cada conto-corpo foram coletadas falas, trechos, objetos, questionamentos, sentimentos das narradoras que pudesse ser identificado afetos e amores, e estes serão apresentados nos resultados.

Trama de contos e elaborações corpóreas

A separação dos resultados foi realizada da seguinte forma: corpo-conto; resumo; citações (trechos com paginação); pontuações (impressões e marcas da leitura). Produzindo uma trama possível de aproximação para quem não teve acesso anterior à obra, mas também puxando do leitor de Conceição novos focos. Uma trama que segue a ordem da obra com uma

intencionalidade que mantenha o dinamismo proposto pela autora, e que faz sentido para quem escreve o presente material.

Nas discussões, foi feito o diálogo com autoras racializadas que dialogam a respeito de amor, corpo, afeto e as interlocuções com raça e gênero. Apesar de termos pontualmente algumas autoras brancas, autores negros, e não brancos, fazemos questão da tecitura desta escrita se fazer por vias que experienciam tais atravessamentos de raça e gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção do negro como corpo-ameaça produz uma distorção ótica e simbólica que rompe com a vida e elimina qualquer produção de potência ao forjar uma descaracterização do sujeito. Maria, sentiu isso, invasão e mutilação por ser uma mulher negra atravessada pela pobreza. Mas essa não é Maria. Maria queria proporcionar aos filhos aquilo que não teve acesso, fazer com que eles provassem melão. Uma mulher que viu o pai de seus filhos e lembrou do amor que vivera. Maria é amor, é cuidado, é produção de um futuro diferente.

Hooks no texto *Vivendo de Amor* (2010) aponta para esse cuidado que nasce mesmo quando não é possível estar presente por precisar sair de casa para cuidar de outros para ter condições financeiras de um futuro diferente. E quão difícil é para ambos os lados, mãe e filhos, essa separação por necessidade. Mas existe uma produção de cuidado e amor, que não nos foi ensinado dizer, mas agir.

A mãe de Zaíta agiu, cuidando de seus filhos para que estes não precisassem recorrer ao crime para ter o básico, mantê-los em casa para que algo não acontecesse. Mas para além da mãe, vemos uma comunidade que se organiza para proteger e cuidar de Zaíta. Uma infância invadida por tiroteio, mas que buscava sua figurinha de uma garotinha carregando flores, essa era Zaíta, uma garotinha.

Mesmo na raiva, mesmo frente ao medo. Uma irmã e uma comunidade cuidam do corpo de Zaíta. A terra que habitamos, que vivemos, não é apenas o tiroteio, a violência, as mortes. É principalmente, infâncias que brincam, juventudes que pensam, adultos que trabalham, é espaço comunitário, protetivo, espaço do comum. Zaíta cai pelo tiro, mas é erguida pela sua comunidade. Falamos muito do genocídio da juventude negra periférica e a relação com o tráfico¹, que inclusive corresponde a trama do irmão de Zaíta, mas não o brilho das infâncias e juventudes, e os impactos de um território em guerra.

¹ O artista Mateus Fazeno Rock traz tal realidade de fortaleza em suas músicas: Nome de Anjo; Pose de Malandro / Me querem morto; Feito um porco indo pro abate; Melô de aparecida.

Essa produção de sobrevivência cria muitas vezes impossibilidades de pensar futuros. O tempo, a sobrevivência, a fome, o prazer, a beleza, ganham contornos duros que constantemente nós (enquanto comunidade, e mulheres apresentadas nos contos de Conceição Evaristo) tentamos furar a lógica de matança e violência, não apenas da vida, mas especialmente do viver e das potências. Neusa Santos Souza (2021) retrata como o estado de sobrevivência é corporal de tal forma que mesmo aquele que ascende socialmente e financeiramente não aproveita o cenário atual.

Existe uma produção de aceleração em que é cobrado de forma interna e externa que esse corpo-negro faça “valer” o local ao “centro”, ao correr da margem é sugado seu corpo ao centro, e um novo estado de sobrevivência se instaura. Cida é este corpo-urgência, que corre para ter, ser, fugir, e no fim do dia ou no começo, nem o mar a vista. Nessa lógica de captura, apontada por Winnie Bueno (2020), somos inscritas na trama de corpo e vida que podemos ter e ser. Se atrasar, ter uma vida saudável, olhar a orla, ascender economicamente, é desfazer as escrituras contadas por aqueles que acham que a sobrevivência nos basta. Trama esta que vislumbramos em Olhares negros: Raça e representação (2019) e Salvação: pessoas negras e o amor (2024) ambos de Bell Hooks.

Luamanda ao pensar e buscar amor e prazer rompe com a produção de corpo que apenas serve e sobrevive. É possível gozar da vida em diferentes instâncias mantendo diferentes papéis. Faz-se uma convocatória de tempo e individualidade, dois aspectos que nos foram negados historicamente ao sermos restringidos a corpo-objeto. Hooks (2021) ao romper com as idealizações do amor romântico convida a vermos o amor como esse amor que é possível ser encontrado em diferentes lugares e pessoas, ao passo que produz outras imagens internas de si.

O forjar da colonialidade em mulheres negras produz efeitos que criam vivências com limites e exílio, voltemos a escrita de Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Grada Kilomba, Winnie Bueno, Neusa Santos Souza, mas também encontramos as linhas de enfrentamento nessas autoras. Corporalidades que rompem com a materialidade que foram apresentadas. Essa quebra se escancara com Dudu-Querença, no corpo encontrou prazer e quando este foi ameaçado e violentado rompeu com a produção linear do discurso, fez delírio.

Encontrar beleza onde tem escassez, se vestir onde lhe querem nua, encantar onde não se é permitido existir, transformar em estrela aquilo que é material, torcer a fala onde não é permitido falar. Produzir delírio não é apenas uma configuração protetiva de si frente à existência, mas também linha de enfrentamento frente a tentativa de captura. Dudu-Querença

é um exemplo da frase “a felicidade é um compromisso ancestral” de Babalorixá Lincoln Jesus, foi ser feliz. E não, não é uma romantização da pobreza e da escassez ao qual a personagem do conto vivia, mas um apontar de outros olhares.

Linhas de enfrentamento não são apenas gritos, reivindicações, políticas públicas, cotas, mas também amor, cuidado, prazer, lazer, fortalecimento comunitário, ascensão social, entre outros como o delírio. Entre linhas de fuga e linhas de enfrentamento existem sujeitos e subjetividades lidando com o tempo e o espaço em que os fenômenos acontecem. Hoje posso aqui falar de amor e afeto porque me é possível olhar e falar de outro lugar.

Propor uma clínica preta como Lucas Veiga (2021) propõe é permitir e criar espaço para florescer outras composições de negritude. Ler autores negros, periféricos, decoloniais, ancestrais, mas principalmente escutar as oralidades que produzem outras subjetividades que não aquelas ditadas pela colonialidade. É necessário entender raça, gênero, classe, território, geração, orientação sexual, espiritualidade, e suas encruzilhadas, para que não nos restrinjam as dores e violências da trama corpo-objeto. É preciso sermos flores e florear a vida para enfrentar quem nos olhar pelas imagens de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos neste ponto de materialidade cumprindo o objetivo do trabalho, mostramos que a narrativa da solidão é uma das possibilidades que uma mulher negra pode experimentar. Mas existe o amor, o prazer, o cuidado, seja consigo, para outro e/ou em comunidade. As corporalidades apresentadas no Livro Olhos d’água de Conceição Evaristo (2016) apontam para a fluidez de várias mulheres negras em diferentes idades, ora por necessidade, ora por fuga, ora por desejo. Furos são inscritos na trama colonial, mostrando a impossibilidade de captura total.

Quando Conceição Evaristo torce e produz uma escrita que passa por outras inscrições que não a de corpo-objeto, rompe a trama colonial de exílio forjada à margem. A escrevivência é a escrita de vivências que possuem narrativas, contos e oralidades ancestrais que quebram a dinâmica do silêncio e a norma de quem pode falar. Este artigo vem para mudar o tom da conversa a respeito das relações étnico-raciais na medida em que inscreve outros dizeres.

REFERÊNCIAS

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. 2.ed. - [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. p. 219-229.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 2020. p. 67-83. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/10316>. Acesso em 15 fev. 2025.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Salvação: pessoas negras e o amor**. São Paulo: Elefante, 2024.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante. 2021.

HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos : o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a Psicologia: notas para uma psicologia preta. IN: VEIGA, Lucas Motta. **Clínica do impossível: linhas de fuga e de cura**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

VIANA, Matheus da Rocha. Decolonizando afetos: a presença do colonialismo na construção de afetos da população negra e a decolonialidade do ser. **Revista Textos Graduated**, v. 5, n. 1, p. 69-84, jan., 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/tg/article/download/22499/20434/40306>. Acesso em 15 fev. 2024.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.